

Os judeus sem Cristo de Samuel Rawet

Samuel Rawet's Christless Jews

Saul Kirschbaum*

Resumo: A recente publicação de 3 livros, *Samuel Rawet: Contos e novelas reunidos*, Civilização Brasileira, 2004, *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*, Caetés, 2008, e *Samuel Rawet: ensaios reunidos*, Civilização Brasileira, 2008, possibilitaram um salto de qualidade para os pesquisadores que têm o estudo da obra de Rawet em seu horizonte, na medida em que ofereceram uma visão de conjunto que permite evidenciar algumas características que perpassam a obra rawetiana. Este artigo focaliza a relação ambígua do judeu com o mundo cristão, recorrente na obra ficcional de Rawet, pois mesmo o judeu já nascido no Brasil, perfeitamente aculturado e integrado, sente-se ameaçado em sua particularidade judaica, compelido a abandonar os últimos traços que o ligam à cultura e às tradições de seu povo e, ao mesmo tempo, fascinado, atraído pelo cristianismo. Na visão de mundo de Rawet, o cristianismo provoca no judeu forte repulsa simultaneamente com forte atração.

Palavras-chave: Judaísmo. Cristianismo. Samuel Rawet.

Abstract: The recent publication of 3 books, *Samuel Rawet: Contos e novelas reunidos*, Civilização Brasileira, 2004, *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*, Caetés, 2008, and *Samuel Rawet: ensaios reunidos*, Civilização Brasileira, 2008, allowed a qualitative leap for the researchers which have Rawet's work in their horizon, inasmuch as those books offered a comprehensive overview that puts in evidence some characteristics which pervade his work. This article focuses on the ambiguous relationship between the Jew and Christian world, which recurs in Rawet's fictional work. Even the Jew born in Brazil, perfectly acculturated and integrated, feels threatened in his Jewish particularity, compelled to abandon the last traces which link him to his people's culture and traditions, and, at the same time, fascinated and attracted to Christianity. In Rawet's world view, Christianity provokes in the Jew a strong repulsion, simultaneously with a strong attraction.

Keywords: Judaism. Christianity. Samuel Rawet.

O renovado interesse acadêmico pela obra de Samuel Rawet, a partir da década de 1990, resultou na recente publicação de três livros que, em conjunto, possibilitam um salto de qualidade para os pesquisadores que têm o estudo dessa obra em seu horizonte.

A "trilogia" teve início com *Samuel Rawet: contos e novelas reunidos*, organizado por André Seffrin e publicado pela Civilização Brasileira em 2004. Esse livro relançou a obra ficcional deixada por Rawet em cinco coleções de contos, *Contos do imigrante*, 1956, *Diálogo*, 1963, *Os sete sonhos*, 1967, *O terreno de uma polegada quadrada*, 1969, *Que os mortos enterrem seus mortos*, 1981; e duas novelas, *Abama*, 1964, e *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, 1970.

Com essa iniciativa, a editora ofereceu uma privilegiada visão de conjunto, permitindo evidenciar algumas características que perpassam a obra rawetiana e lhe conferem características únicas, quer do ponto de vista estético, da realização literária, quer como vértice desde onde olhar para o mundo. Em particular, revelou-se para mim a tópica da relação ambígua do judeu com o mundo cristão, que não coincide com a relação do estrangeiro, do imigrante, com a sociedade de recepção, pois envolve outros ingredientes. Mesmo o judeu já nascido no Brasil, perfeitamente aculturado e integrado, sente-se ameaçado em sua particularidade judaica, compelido a abandonar os últimos traços que o ligam à cultura e às tradições do seu povo e, ao mesmo tempo, fascinado, atraído pelo cristianismo. Dessa forma, o cristianismo provoca no judeu forte repulsa, simultaneamente à forte atração.

A segunda obra que destaco é *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*, organizado por Francisco Venceslau dos Santos e publicado pela Editora Caetés em 2008. Esse livro reuniu praticamente todos os ensaios e críticas, publicados em jornais, revistas, orelhas de livros de Rawet, desde sua estréia em 1956 até escritos muito recentes, de 2008. De seu exame, percebe-se que a questão da mediação cristã na auto-percepção do judeu não mereceu destaque especial por parte dos ensaístas que se dedicaram à exegese das obras de Rawet. Merece menção "Ser judeu e escritor – três casos brasileiros: Samuel Rawet, Clarice Lispector e Moacyr Scliar", escrito por Nelson Vieira, em 1990, em que o crítico reconhece a importância do conto "Natal sem Cristo" (*Diálogo*, 1963), no qual o protagonista judeu é convidado a participar de uma ceia de Natal.¹

A terceira obra é *Samuel Rawet: ensaios reunidos*, organizado por Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tônus, publicado pela Civilização Brasileira em 2008. Essa publicação repôs em circulação a obra não ficcional de Rawet, originalmente publicada em quatro livros, *Homossexualismo: sexualidade e valor*, 1970; *Alienação e realidade*, 1970; *Eu-tu-ele*, 1972; *Angústia e conhecimento: ética e valor*, 1978, e em jornais e revistas literárias, além de apresentar sete ensaios inéditos. Tal como *Contos e novelas reunidos*, possibilitou uma visão de conjunto do Rawet filósofo, ensaísta e, por que não, crítico literário e teatral. Esta última vertente da produção rawetiana era, até então, a menos conhecida. Mas é na posição de crítico de outros escritores que podemos vislumbrar como Rawet via a si mesmo enquanto escritor, como se lhe afigurava a criação artística.

No ensaio "O De Profundis de Antonio Carlos Villaça", publicado em 1974 no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Rawet identifica no fazer artístico uma componente religiosa visceral: "toda criação de obra de arte é de natureza religiosa; arte e religião mergulham no mesmo abismo insondável que vai à raiz da existência concreta" (Rawet, 2008:175). E deixa perceber seu fascínio pelo cristianismo, do qual rejeita apenas os aspectos dogmáticos: "Eu não sei se existe, e se é possível, um cristianismo sem dogmas. É o de Villaça. Um sentimento que acompanha a emergência de qualquer coisa entre a pessoa e o indivíduo e que dá uma certeza de que a história do homem não é apenas a de pirâmides e satélites artificiais, é também a história de sua dor" (Rawet, 2008:177). Essa visão aproxima Rawet dos conceitos de religião e religiosidade formulados por Buber, em que esta última pode ser entendida como "um sentimento que acompanha a emergência de qualquer coisa entre a pessoa e o indivíduo", enquanto a religião é o que sobra da manifestação de religiosidade depois que os atos de devoção se atrofiam em rituais desprovidos de sentido, imobilizada pela prevalência dos dogmas.

No mesmo ensaio, face à afirmação de que "[l]iberto dos moldes rígidos do gênero, matéria de discussão estéril e inútil de diletantes, ou de natiesclerosados fabricantes de arte, Villaça surge com a perspectiva do artista numa comunidade que já deixou de ser comunitária há muito tempo" (Rawet, 2008:177), podemos supor que Rawet está ponderando sua própria obra, ou, pelo menos, estabelecendo valores pelos quais avaliar a criação artística. A "perspectiva do artista numa comunidade que já deixou de ser comunitária há muito tempo", como sabemos, comparece nos escritos de Rawet em mais de uma ocasião. Mais adiante, Rawet elabora sobre a posição do escritor no mundo, observando que "[e]m meio a resíduos ultra-elaborados de leituras, em que a literatura propriamente envolve áreas especializadas de natureza ritualística ou dogmática, o escritor, no sentido mais amplo, colhe impressões agudas do que se passa à sua volta" (Rawet, 2008:178); finalizando seu "breviário", Rawet conclui que "[a]pós as releituras necessárias, a verificação dos estragos causados por esta ou aquela interpretação teológica, a garra do escritor maior nos dá, em breve relance, uma abertura para o que seria, talvez, o início do caminho do artista, se ele realmente compreende o significado profundo do encontro com o nada, após o nojo" (Rawet, 2008:179).

Podemos levantar a hipótese de que, com essa análise, Rawet está falando de si mesmo e, talvez, para si mesmo, além disso, em seu fazer ficcional tenha se esforçado para trilhar o caminho do artista e "compreender o significado profundo do encontro com o nada, após o nojo".

Em "A prece", "Judith" e "Gringuinho", de *Contos do Imigrante*, 1956, estréia de Rawet no mundo da ficção, as tensões vividas por judeus no convívio com cristãos já encontram espaço destacado.

No conto "A prece", Ida, sobrevivente da *Shoá*, é levada a ganhar seu sustento exercendo a atividade de mascate e a viver como única judia em uma espécie de cortiço, casa de cômodos habitada por várias famílias cristãs. Seu desamparo vem à tona na tarde de uma sexta-feira, em uma oração que marca o início do *shabat*; o estranhamento que sua prece provoca nos demais moradores do cortiço resulta em perplexidade e confusão ante a vida que a espera, no desmoronamento de sua identidade judaica, juntamente com o de sua capacidade de se expressar; perde o domínio da linguagem, e é necessário que seu estado de espírito seja manifestado pelo narrador:

Ida, parada diante das velas, os olhos nas chamas, não procurava pôr em ordem o pensamento. A multidão no quarto, assim de repente, era uma coisa vaga, e nem saberia explicá-la. Sexta-feira. A primeira sexta-feira no casarão. De dentro vinha uma sensação de ruptura, de algo que se tinha perdido com a prece gritada. As quatro paredes caiadas de branco eram-lhe estranhas, e ao tentar dar término à oração, as palavras sussurradas vinham-lhe mecânicas. (Rawet, 2004:35)

Judith casou com um *gói* (não judeu) e foi rejeitada pela família. Naquela mesma ocasião, entendeu com clareza que o gesto traria o desenraizamento: "Quando se resolvera unir com outro que não de sua raça tinha a perfeita consciência do ato, que não representava uma total renúncia à sua origem (havia arraigado em si um peso que um simples gesto ou atitude não desloca), nem ele a obrigava ou exigia a fazer tal coisa" (Rawet, 2004:37). Deixada com um filho pequeno quando o marido é assassinado, tenta retornar, buscando o apoio da irmã, último ponto de contato com a família. Não de apoio material, o discurso em fluxo de consciência esclarece, pois se sabia capaz de trabalhar; mas de acolhimento grupal, busca de pertencimento. Frustrada a tentativa, decide levar sua ambivalência em frente, manter o que lhe sobrou de identidade judaica, sem negar o fato de que o casamento a levaria, de forma irreversível, a viver no mundo dos cristãos; já aqui Rawet se utiliza da fusão entre discurso do narrador e monólogo interior, recurso narrativo que desenvolverá e aperfeiçoará ao longo de sua obra ficcional:

Contou alguns segundos. Abismou-se com o silêncio quase simultâneo da campanha e do choro. Vazio completo. Na descida havia um rumo traçado. Impossível negar o passado. Sabia, porém, que impossível, também, é o retrocesso. Amanhã levaria o filho à circuncisão. De resto saberá conduzi-lo de modo a lembrar do pai morto e a compreendê-la. Ao ser golpeada pela brisa sentiu uma alegria infantil de quem descobre mundos novos numa velha caixa de sapatos, de quem, após luto, redescobre pequenos detalhes alegres no ambiente cinza que o cercava. (Rawet, 2004:41)

O Gringuinho sem nome vive a perda de uma infância feliz, "lá", na companhia do avô, brincando na neve ou colhendo frutas em pomares, e a perplexidade ante um idioma que não domina e crianças que zombam de seus hábitos estranhos. Não obstante, um dos pontos mais altos do conto se dá justamente em um domingo, quando é convidado para brincar em casa de um de seus colegas, e acolhido pela mãe do amigo, que lhe oferece uma fatia de melão; mesmo nessa ocasião prazerosa, é surpreendido pelo estranhamento que sua presença provoca, e que o imobiliza e emudece:

Lembrou um domingo. Enfiou-se pelo pátio com Raul que o chamara à sua casa. No fundo do quintal cimentado, sob cobertura, dispusera os dois times de botões. Da copa o barulho, ainda, de talheres, fim do ajantarado. Chamaram. A mãe cortou o melão e separou duas fatias. Raul agradeceu pelos dois. "Ah! É o gringuinho!" Expelida pelo nariz a fumaça do cigarro, o pai soltara a exclamação. Quase o sufoca a fruta na boca. Os tios

concentraram nele a atenção. Parecia um bicho encolhido, jururu, paralisado, as duas mãos prendendo nos lábios a fatia. (Rawet, 2004:44)

De *Diálogo*, 1963, pode-se destacar "Parábola do filho e da fábula", conto no qual, como já tive ocasião de assinalar,²Rawet se utiliza da parábola, tão característica dos ensinamentos de Jesus no *Novo Testamento*, e "Natal sem Cristo". Nehemias Goldenberg, convidado para uma ceia de Natal, percebe o mal disfarçado ódio que aquela família cristã nutre pelos judeus, sobre os quais projetam tudo o que de moralmente condenável encontram em si mesmos: um "senso político extraordinário", graças ao qual "[t]êm o mundo nas mãos"; "Grandes financistas, empreendedores", eufemismo para "trapaceiros"; "argúcia", que capacita para "uma eterna subversão de fatos, idéias, conceitos, provas, a que consegue sob o impacto de uma oratória bem planejada ofuscar a verdade de um deslize, [...] à que te traz lágrimas aos olhos, em abundância proporcional à renda ou ao renome" (Rawet, 2004:126). Nehemias reflete sobre a ideia do Cristo, tão hipocritamente esvaziada pelos cristãos, ao mesmo tempo em que reivindicam sua herança para negar o judaísmo, do qual, para Nehemias, aquela ideia se nutre. Nessa reflexão, é levado a uma identificação com Cristo, à constatação de que ele, na verdade, é o único legítimo seguidor de Jesus naquela família cristã que se reuniu para comemorar seu nascimento. A forma de monólogo interior (ou de "diálogo" com quem certamente não responderá) reforça a postura de Nehemias de se manter em silêncio, de se recusar ao papel de vítima propiciatória:

De ti viria a resposta? Humano ou divino, morres constantemente pela nossa vida, e nós morremos sempre a tua morte. Teu apóstolo maior vislumbrou a simbiose eterna, quando, querendo justificar-nos e salvar-nos, talvez, plantou a semente de nossa abjeção na nossa simples presença como testemunhas e penhores da remissão global. Tu e eu vivemos a perpétua morte e ressurreição pelos séculos afora. [...] E que culpa temos, se quando te procuram na feição mais primitiva, no hábito mais original, nos encontram sempre? Se o lamento de Jeremias antecedeu o Sermão da Montanha, se o libelo de Amós precedeu a resposta sobre os direitos de César? (Rawet, 2004:129)

Em "Reinvenção de Lázaro", que faz parte da coleção *O terreno de uma polegada quadrada*, 1969, o protagonista, escritor evidentemente judeu, Yehuda Bitterman,³ luta para escrever um conto sobre Tião, "preto alto e musculoso, ajudante de caminhão, e que junto com outros estaria descarregando um bloco de mármore diante do galpão em que se esculpiam imagens para os túmulos do cemitério São João Batista, bem em frente" (Rawet, 2004:308); ou seja, o protagonista de seu conto será um operário que se ocupa de uma função auxiliar na atividade tipicamente católica de esculpir anjos de mármore para adornar túmulos.

Importante sinalizar o aparecimento nesse conto, da tópica recorrente da identificação do protagonista judeu com a personagem cristã, que já assinalei em "Natal sem Cristo", e que voltará com maior força em *Viagens de Ahasverus*, como veremos adiante: "Yehuda amassa as folhas de anotações, rasga algumas em branco ainda, lança os dois livros à sua direita sobre a cama, chuta a cesta debaixo da mesa, e resolve contar a história de Tião no momento em que percebe que ele *era* Tião" (Rawet, 2004:309).

Conto dentro do conto, os sentimentos simultâneos de repulsa e fascínio despertados pela atmosfera cristã se manifestam no último parágrafo da narrativa de Bitterman, na forma de fluxo de consciência na mente de seu protagonista, Tião:

A cara do anjo, lisinha, os cabelos de mulher, as asas brancas, a mão esticada com os dedos assim para baixo. As pernas, uma direita, meio avançada, a outra em curva, o manto por cima da bunda dobrando na barriga da perna e encurvando pelo lado de dentro. Tudo aquilo feito por um homem que morre, para outro, que já morreu. Feito por um homem! (Rawet, 2004:312)

A respeito de *Que os mortos enterrem seus mortos*, de 1981, última publicação ficcional de Rawet, também já tive oportunidade de assinalar⁴ que o próprio título é uma citação do *Novo Testamento*. Mas é em *Viagens de Ahasverus...*, obra maior da ficção rawetiana, que essa temática atinge sua expressão mais clara. A começar pela epígrafe, atribuída não a Shlomo ibn Gabirol (Málaga, 1021? - Valência, 1058?), importante filósofo, místico e poeta judeu da Idade Média peninsular, mas a Ibn-Gabicebron, nome pelo qual Ibn Gabirol era referido quando se acreditava que o autor de *Fons Vitae* fosse um filósofo cristão.⁵

Ahasverus é a personificação quintessencial do judeu, ubíquo, atemporal e ahistórico, mas necessariamente do ponto de vista cristão: por ter negado auxílio a Jesus na Via Crucis, foi por ele condenado a viver até sua segunda vinda. A evocação de Ahasverus é, assim, indissociável de suas reverberações cristãs, e, de certa forma, estabelece um padrão para o relacionamento do cristianismo com os judeus, pois reduz os judeus ao papel de testemunhas da verdade do Messias cristão. Mas, por sua vez, o Ahasverus de Rawet está condenado à permanente perplexidade ante seu inevitável convívio com cristãos. Perplexidade que já se manifesta em seu encontro com o próprio Jesus, neste que talvez seja um dos melhores resumos dos Evangelhos jamais escrito por um judeu, repleto de paródias das escrituras cristãs:

Lavou o rosto na bacia (ainda havia jarra e bacia), e lembrou-se de uma conversa com um nazareno num monte de oliveiras. Que bela conversa! Que companheiro excelente! E nem chegara a lhe dar o nome. Falavam e riam de lírios dos campos, de agulhas e camelos (como rira, quando?, ao perceber que levaram séculos pensando que camelo era camelo). Riram e falaram dos episódios do filho pródigo, e o nazareno, entre malicioso e ingênuo, contou-lhe o artifício dos pães, do leproso, e num determinado momento gargalhou tanto que Ahasverus teve medo. O nazareno contou-lhe como, para espanto próprio, havia caminhado sobre as águas do mar da Galiléia. Era uma bela tarde, e as azeitonas deliciosas. Nunca mais se viram. Num ou noutro lugar ainda ouviu falar dele, mas devia haver engano. Mostraram-lhe imagens, mas não o identificou. Devia haver um engano. E seria tão bom conversar com ele. Fora na verdade o companheiro mais alegre que encontrara. Quando vira o nazareno? Que relação tinha ele, Ahasverus, com o nazareno? Nada podia,⁶ nada sabia afirmar. No entanto sentia-se estranhamente ligado a ele, entrevia, às vezes, uma relação vital nas duas existências. Mas sabia, também, de uma distância quase infinita a separá-los. (Rawet, 2004:455)

O misto de atração e repulsão e a impossibilidade de decidir entre continuar judeu ou aderir ao cristianismo assolam o protagonista: "lembrou-se de quando fora marrano, e se vira obrigado a fingir uma crença para mascarar outra que não tinha. Mas eram belos os cantos das procissões. Eram belas as cores das opas. Eram belos os rostos das mulheres em lágrimas" (Rawet, 2004:461).

Na continuação da novela, em vários momentos meditará sobre aquele estranho nazareno, cuja história se desenvolveria e se prolongaria, mesmo após sua morte, provocando efeitos inelutáveis sobre ele, Ahasverus, em sua condição de símbolo do judeu, tornado errante pelos seguidores do nazareno. Repetidamente lhe ocorrerão, entremeadas com as evocações de Jesus, imagens de personagens cristãs célebres: "Falavam de uma peça de um irlandês sobre uma virgem santa e guerreira de França que, evidentemente, foi queimada" (Rawet, 2004:454); "[l]embrou-se dele ao vagar em Belém, à noite, pelas ruelas, com o razoável medo nos ombros, nas proximidades do templo em que, segundo a lenda, ou a história, ou as duas, Vieira teria exortado os fiéis" (Rawet, 2004:456).

A mesma perplexidade decorrente do incompreensível encontro com Jesus se repete quando é submetido, por uma organização daqueles seguidores, a julgamento pela morte do nazareno:

E enquanto sorvia a saliva senil, já de barbas e túnica postado diante de alguém, uma autoridade, recriou o seu terror. A sala era escura, as paredes altas de pedra amassadas e pintadas de branco. Aqui ou ali, troncos de cone de luz varavam o aposento e permitiam identificar mesas sólidas de madeira, bancos, lampadários, um crucifixo ao fundo, no alto. Em que língua lhe falavam? Não sabia, mas compreendeu que lhe diziam que, se durante a tortura viesse a sofrer algum acidente, a culpa seria toda dele. Não fosse o tom arrogante e a solenidade obtusa de quem falava, e talvez lhe desse razão. Claro que ele era *culpado*, ele *estava* ali diante do outro, e pelo raciocínio sutil deste, cheio de filigranas lógicas e torneios labirínticos, mas apesar disso claros e sonoros, pelo raciocínio do outro um dos dois era culpado, já que pensavam de modo diverso. E é claro, deixava entrever o outro, que no caso o único a assumir a culpa seria ele, Ahasverus. Ahasverus deu-lhe razão, deu-lhe sempre razão (Rawet, 2004:462-3).

No final da novela, numa paródia de autobiografia, o fascínio do cristianismo suga o próprio autor, reduzido a apenas mais uma metamorfose, quando o protagonista tenta encontrar-se consigo mesmo, reconstruir alguma identidade:

E Ahasverus foi Samuel Rawet com plenitude, escreveu VIAGENS DE AHASVERUS À TERRA ALHEIA EM BUSCA DE UM PASSADO QUE NÃO EXISTE PORQUE É FUTURO E DE UM FUTURO QUE JÁ PASSOU PORQUE SONHADO, e como Samuel Rawet sondou o mundo. E Ahasverus, farto de metamorfoses, realizou a mais dura, e mais penosa, a mais solene, a mais lúcida, a mais fácil, a mais serena. Metamorfoseou-se nele mesmo, AHASVERUS (Rawet, 2004:477).

A novela toda, de certa forma, pode ser vista como uma longa reflexão sobre o encontro de Ahasverus com o cristianismo, a perda de sua identidade em consequência desse encontro, e as tentativas de recuperação dessa identidade.

Em artigo escrito em 1950, "Personnes ou Figures (a propos d'Emmaüs' de Paul Claudel)" e incluído em *Difficile Liberté: Essais sur le judaïsme*, de 1963, Emmanuel Levinas identificou com muita clareza o fenômeno pelo qual, em consequência da apropriação da escritura judaica pelo cristianismo, da redução do "Antigo Testamento" a mera pré-figuração da vinda de Jesus, enfim, após dois mil anos de vida entre cristãos, o judeu se vê impossibilitado de estabelecer conexões com as raízes originais de seu judaísmo sem se defrontar com a mediação da leitura cristã, o que o obriga a um esforço filológico⁷. Na formulação de Jill Robbins, "[...] não há acesso imediato ao judaísmo. Pois não temos acesso à tradição judaica independente do filtro greco-cristão de nosso entendimento historicamente situado. O retorno ao judaísmo que essa reinscrição oferece é *difícil*. Não é um retorno nostálgico: ele é, irredutivelmente, *mediado*".⁸

É necessária uma releitura das fontes judaicas. Levinas clama por um recurso às "fontes ocultas" da tradição judaica, ocultas exatamente por terem sido recobertas pelas determinações negativas e privativas do judaico dentro da conceitualidade (greco-)cristã. As fontes judaicas devem ser relidas, mas não existe releitura sem desleitura. Não há releitura do judaico sem uma desleitura de sua (privativa e negativa) interpretação no esquema greco-cristão.

Assim, as personagens judias que têm sua identidade judaica sacudida no convívio com cristãos (Ida, Judith, Gringuinho), o frequente recurso de Rawet às fontes literárias cristãs ("Parábola do filho e da fábula", "Que os mortos enterrem seus mortos", "Natal sem Cristo"), a longa agonia de Ahasverus em seu embate com o Nazareno, não serão tentativas de desleitura da interpretação cristã do judaísmo, de busca por uma releitura que permita acesso a um judaísmo mais autêntico,⁹ que só pode se dar por meio de um afastamento tanto de cristãos quanto de judeus?¹⁰

* **Saul Kirschbaum** é Doutor em Letras pela USP, ensaísta e pesquisador junto a Capes (PRODOC). Organizou, em 2007, *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*.

Notas

¹ Nelson Vieira voltará a "Natal sem Cristo", dedicando-lhe nada menos de cinco páginas (p. 80 ss.) em *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*, de 1995, não incluído por Francisco Venceslau dos Santos, provavelmente por se tratar de um livro.

² KIRSCHBAUM, Saul. A literatura no espelho: 'parábola do filho e da fábula. In: NASCIMENTO, Lyslei. e CORNELSON, Elcio. (Org.) *Estudos Judaicos*: Brasil. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p. 126-130.

³ Do qual o próprio nome já é uma ironia, "judeu amargo" em ídiche. Talvez um *alter ego* do autor?

⁴ KIRSCHBAUM, Saul. "Que os mortos enterrem seus mortos". In: _____. *Viagens de um caminhante solitário: ética e estética na obra de Samuel Rawet*. (No prelo)

⁵ Confusão que se manteve até 1846, quando Solomon Munk proclamou que tinha estabelecido a verdadeira identidade do autor de *Fons Vitae*, obra escrita originalmente em árabe e traduzida em latim no século 12 (Ibn Gabirol, Solomon, *The Fountain of Life*, translated by Harry E. Wedek, Forgotten Books, 2008, p. vii).

⁶ "Tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses, 4:13).

⁷ "Aux mystères des religions accèderait-on sans philologie? Vocabulaire, conjugaisons, syntaxe, n'encombrent que les chemins tortueux de civilisations profanes. Il faut perdre une jeunesse avant d'expliquer trois vers de l'*Odysée*. Les versets sont moins ingrats. Dans *Emmaüs*, Claudel apporte une exégèse personnelle de l'Ancien Testament. S'appuyant principalement sur la Vulgate, il se laisse guider par le savant Raban Maur de Mayence, nourri au IXe siècle de Saintes Écritures, de Peres d'Église et de grec. Ignorant l'hébreu" (Levinas, 1997:170).

⁸ ROBBINS, 1991, p. 115, tradução minha.

⁹ "Creio que foi por intermédio de Buber que aprendi os primeiros elementos positivos de judaísmo. A experiência concreta só me havia mostrado os elementos negativos" (Rawet, 2008:141).

¹⁰ Ver, por exemplo, "Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê" em Rawet, 2008:191-5.

Referências

IBN GABIROL, Solomon. *The Fountain of Life*. (transl. Harry E. Wedeck). Lexington: Forgotten Books, 2008.

KIRSCHBAUM, Saul. A literatura no espelho: parábola do filho e da fábula. In: NASCIMENTO, L. e CORNELSON, E. (Org.) *Estudos Judaicos*: Brasil. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p. 126-130.

LEVINAS, Emmanuel. *Difficile liberté*: Essais sur le judaïsme. 3ème édition. Paris: Albin Michel, 1997.

RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. (Org. André Seffrin). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

- RAWET, Samuel. *Ensaaios reunidos*. (Org. Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tônus). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ROBBINS, Jill. *Prodigal Son / Elder Brother: Interpretation and Alterity in Augustine, Petrarch, Kafka, Levinas*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- ROBBINS, Jill. *Altered reading: Levinas and literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.) *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.
- VIEIRA, Nelson. *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*. Gainesville: University Press of Florida, 1995.